



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
Assembleia Municipal da Covilhã

Intervenção do PCP na Sessão Solene Comemorativa do
52º Aniversário do 25 de Abril
25 de Abril de 2026

Senhor Presidente da Assembleia Municipal,
Senhoras e Senhores Deputados,
Senhoras e Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia
Senhor Presidente da Câmara Municipal,
Senhora e Senhores Vereadores,
Senhoras e Senhores Representantes das Autoridades Cíveis e Militares,
Instituições de Ensino e Entidades Associativas,
Senhoras e Senhores Jornalistas
Senhoras e Senhores Convidados,
Caras e Caros Covilhanenses,

Celebramos hoje a Revolução de Abril.

Interpretando os sentimentos profundos do povo português, o Movimento das Forças Armadas derrubou o regime fascista e libertou Portugal da ditadura, da opressão, da guerra.

Na madrugada, um levantamento militar, na alvorada Celeste e os seus Cravos, durante o dia, um levantamento popular, e nos dias seguintes, um povo unido saiu à rua, transformando o levantamento militar em Revolução.

Daqui saudamos a Resistência antifascista, a abnegada luta pela democracia e pela liberdade de comunistas e outros democratas e o grandioso ato dos Capitães de Abril.



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
Assembleia Municipal da Covilhã

Esta data tem em 2026 um significado especial e uma solenidade histórica acrescida; comemoramos também os **50 anos da Constituição da República Portuguesa**, a lei fundamental que deu corpo aos sonhos de liberdade, justiça e progresso do nosso povo.

Adotada por 160 países dos 195 existentes no mundo, uma Constituição, como nos diz Gonçalo M. Tavares no seu livro “Montanha e Utopia”, **“é uma Utopia. É a linha do horizonte. Está lá ao fundo e cada pessoa vê uma linha diferente, de acordo com o ponto onde estão os seus pés e os seus olhos. Por isso, a utopia é a caminhada dos cidadãos, em conjunto, em direção à mais bela linha do horizonte”**.

Foi esta caminhada conjunta, que permitiu a Portugal realizar em 50 anos, uma transformação estrutural que outros países levaram séculos a completar. Se hoje gozamos de índices de bem-estar e desenvolvimento incomparavelmente superiores aos de 1974, devemos isso à **força da lei de Abril**, que impôs ao Estado o dever de garantir o que antes era negado à maioria.

Foi pela **força desta lei** — uma das mais progressistas e avançadas do mundo — que Portugal conseguiu operar uma transformação civilizacional sem paralelo na Europa contemporânea, resgatando o país de um patamar de subdesenvolvimento que hoje nos parece quase inimaginável.

Para compreendermos a força de Abril, plasmada neste nosso património coletivo, que é a Constituição da República Portuguesa, proponho que durante os próximos minutos, possamos pensar através de factos e números, que retratam a distância abismal entre a ditadura e a democracia.

Ganha atualidade esta reflexão, quando ouvimos falar em revisão constitucional.

Que caminhada fizemos com a Democracia?



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
Assembleia Municipal da Covilhã

Em outubro de 1973, não chegaram a 1 milhão e 400 mil, os eleitores que foram às urnas para eleger a Assembleia Nacional numas eleições em que apenas concorria um único partido. Mesmo antes da Constituição, nas eleições para a Assembleia Constituinte votaram mais de 5 milhões e 700 mil eleitores em 14 partidos que se apresentaram a sufrágio.

Em 50 anos o povo português foi às urnas 77 vezes. Só possível porque a constituição consagrou o exercício do poder político pelo povo, “através do sufrágio universal, igual, direto, secreto e periódico” (Artigo 10.º).

Que caminhada fizemos em relação à Paz?

Nos 200 anos de história do constitucionalismo português, esta foi a Constituição que, de forma permanente, assegurou a Paz, sólida e duradoura.

Só possível porque os constituintes eleitos nas primeiras eleições livres a 25 de Abril de 1975, expressaram a vontade do povo. A **abolição do imperialismo**, o **desarmamento geral** e a **solução pacífica dos conflitos**. Abril pôs fim a 13 anos de uma guerra colonial injusta que ceifou gerações.

Em 2026, num mundo onde as pulsões belicistas e imperialistas voltam a falar grosso, celebrar Abril e a Constituição, é afirmar a Paz, é recusar que o nosso território sirva de plataforma para agressões militares, é condenar todos os genocídios e violações do direito internacional. Portugal deve ser, por imperativo constitucional, um porto de paz e cooperação entre os povos.

Que caminhada fizemos na Educação?

A ignorância era uma poderosa ferramenta de controlo. Em 1973, **uma em cada quatro pessoas era analfabeta**. Hoje, o analfabetismo é residual, abaixo dos 3%, concentrado apenas nas faixas mais idosas.



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
Assembleia Municipal da Covilhã

Em 1974, apenas 26% das crianças em idade normal de frequência estavam inscritas no 2º ciclo. Hoje são 92%. No 3º ciclo, de 18% passámos para 94%. E no ensino secundário, de 5% passámos para 90%.

A Escolarização tornou-se universal.

A letra da lei (Artigo 74º) que nos diz que “Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso” deu os seus frutos.

A democratização do ensino superior, (Artigo 76º), permitiu que 50 anos depois haja 5 vezes mais alunos no ensino superior. Eram cerca de 81.000 (81.582) alunos em 1978 e hoje são quase 450.000 (448.235).

Hoje, cerca de **50% da população entre os 25 e os 34 anos possui ensino superior**, algo impensável quando Abril nasceu.

E que caminhada fizemos na Saúde?

Na Saúde a mudança foi um verdadeiro "milagre estatístico", só possível com a consagração na lei fundamental (Artigo 64.º) que **“Todos têm direito à proteção da saúde”** e que este direito **“é realizado através de um serviço nacional de saúde universal e geral e, tendencialmente gratuito”**.

Em 1974, a mortalidade infantil era de vergonhosos 38 mortos por cada 1000 nados vivos. Em 2026, graças ao imperativo constitucional de um Serviço Nacional de Saúde, universal e gratuito, é de 2,5 por cada 1000. Aqui sim, Portugal está no pelotão da frente a nível, não só da Europa, mas mundial.

39% dos partos eram realizados fora dos hospitais e outros estabelecimentos de saúde. Atualmente, este número é de apenas 1%.

Havia 122 médicos por cada 100 mil habitantes. 50 anos depois são mais de 550 (564) para o mesmo número de habitantes.



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
Assembleia Municipal da Covilhã

Enfermeiros eram 205 por cada 100 mil habitantes, 50 anos depois são mais de 750 (771)

Quem nasceu no dia 25 de Abril de 1974, tinha a **esperança de viver** 68 anos. 50 anos depois é de quase 83 anos (82,9); A Democracia e esta Constituição permitiram que cada um nós, possa viver mais 15 anos.

Portugal ocupa hoje o 29º lugar numa lista de 234 países. Atrás de nós surgem nomes como Luxemburgo, Países Baixos, Bélgica, Áustria, Finlândia, Grécia, Dinamarca e Alemanha, só para citar alguns do nosso continente.

E que caminhada fizemos na Habitação?

Até no interior das nossas casas a Constituição fez sentir a sua força transformadora. Em 1973, apenas **47%** dos portugueses tinham **água canalizada** e menos de **40%** tinham **esgotos**; milhares viviam em bairros de lata sem o mínimo de higiene e dignidade. Hoje, em 2026, o acesso a estas infraestruturas básicas é praticamente **universal (>99%)**.

O enorme esforço inicial de investimento público para dar respostas às carências de habitação herdadas do antigo regime é também um património de Abril. A grave crise que hoje atravessamos no setor da habitação não é consequência da lei. É porque sucessivos governos não priorizaram o cumprimento do artigo 65.º, que consagra como direito para “todos, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto”.

Para além da garantia da Liberdade e da Democracia, da Paz e da Habitação, da Saúde e da Educação, este nosso património coletivo que é a Constituição é um grandioso instrumento de salvaguarda dos direitos dos trabalhadores. Nesse valioso património da Revolução estão, o direito à greve, à livre organização sindical e à contratação coletiva, que o atual governo pretende fragilizar mais ainda com um Pacote Laboral que os trabalhadores não pediram e que em nada os favorece.



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
Assembleia Municipal da Covilhã

Este nosso património coletivo contém também o direito a um salário e a uma pensão justas, que a Revolução valorizou com aumentos generalizados e a consagração do salário mínimo nacional. Mas está ainda o direito ao emprego e ao emprego com direitos, a proibição dos despedimentos sem justa causa e a garantia de emprego estável. Está também a Segurança Social pública, solidária e universal. Está a elevação do nível de vida do povo.

Caras e Caros Covilhanenses,

A tal caminhada que não acaba em direção à linha do horizonte parece estar a perder fôlego. Os problemas que hoje enfrentamos — o acesso à habitação, os baixos salários e reformas, o aumento do custo de vida e as desigualdades que persistem — não se resolvem rasgando este património que a Revolução nos deixou.

A utopia é uma caminhada que não acaba e “a democracia não se faz com sedentários”. Não sejamos sedentários de sofá. Sejam os caminhantes que mantêm viva a utopia de Abril. O Portugal de 2026 é radicalmente mais justo e desenvolvido que o de 1974.

Nesta celebração, é imperativo ainda dirigir uma palavra ao **Poder Local Democrático**, essa conquista fundamental de Abril. A Constituição, no seu Artigo 235º, é clara: as autarquias locais visam a prossecução dos interesses das populações. Por isso, a quem governa no patamar local, exige-se o compromisso ético de o fazer para o **bem comum**, elevando a administração a um patamar de maior **eficiência e eficácia**. Não basta gerir; é preciso servir, combatendo a burocratização e estruturando serviços para que estejam, de facto, ao serviço dos cidadãos, incentivando a sua participação direta na vida pública.



PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
Assembleia Municipal da Covilhã

Tal como no país, também no nosso Concelho temos ainda muito caminho para percorrer.

Nesta terra de resistência e de trabalho, que contou com **510 presos políticos** durante a ditadura, temos o dever de honrar quem deu a vida e a liberdade para que chegasse Abril.

Termino como comecei, em direção à mais bela linha do horizonte.

“A Constituição não é uma miragem, é UTOPIA.

Existe, mas está lá ao fundo;

Não paremos de caminhar”.

Viva a Constituição da República Portuguesa!

Viva o 25 de Abril!

Disse!

Marco Gabriel